Jesus e a Escritura (Lc 4,16-30): o modelo de leitor e proclamador no hoje da Palavra divina

Vando Marques Gomes[1]

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre a centralidade da Escritura na vida e missão de Jesus, a partir do texto de Lc 4,16-30, percebendo como a sua intimidade com a mesma é usada para manifestar sua identidade e missão messiânica. Com base na perícope proposta, a pesquisa busca também enxergar Jesus como o autêntico leitor e pleno interprete da Escritura. Contudo, o objetivo maior é perceber o sentido do tom proclamativo de novidade para o "hoje" do texto lido por Jesus em seu discurso inaugural, numa liturgia da Palavra da Sinagoga de Nazaré. Aprofundar bem essa relação de Jesus com a Escritura ajuda a entender como a Igreja, continuadora da presença do Cristo no mundo, fez do modelo de leitura e proclamação de seu mestre e Senhor um instrumento eficaz de anúncio contínuo do tempo da graça de Deus, em cada liturgia da Palavra Cristã, reconhecendo que cada texto lido em assembleia é comunicação viva e atual da salvação.

Palavras-chave: Escritura. Palavra divina. Leitor. Proclamador. Hoje.

Introdução

No projeto teológico da obra Lucana vai sendo apresentado um ritmo da história da salvação em etapas: promessas, no Antigo Testamento; realização, na vida e ação de Jesus; e continuidade, com a missão da Igreja que assume o lugar de seu mestre no anúncio e instauração do Reino.

No desenrolar dessa história salvífica, a Palavra de Deus é realidade central para o Antigo Israel, que viveu orientado pela totalidade da Escritura, lendo-a e

[1] Mestrando em Teologia pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista do Programa Institucional de Pós-Graduação Stricto Sensu PROPESPI/Bolsa Jesuíta. Pós-graduado em Hermenêutica Bíblica pela UNICAP. Pós-graduado em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Faculdade Estácio de Sá. Graduado em Teologia pela UNICAP. Licenciado em Filosofia pela FAFICA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Religioso da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus (SCJ) e residente em Campina Grande - PB. *E-mail: vmarquesgomes@hotmail.com*

meditando-a continuamente; para Jesus, a Palavra encarnada, que em seu ministério esteve em profunda intimidade com o sentido profundo da Lei e dos profetas (Lc 8,4-15; 9, 28-36; 10,25-37; 16,17); e também para o Igreja, Novo Israel, que se tornou arauta da Escritura levada à plenitude pelo seu Senhor.

Tomando a perícope de Lc 4,16-30, o objetivo deste artigo é primeiramente refletir sobre a figura de Jesus em sua intimidade com a Escritura, fundamento para sua proclamação da salvação de Deus na história; em um segundo momento é preciso mostrar qual é o significado e a importância da proclamação feita por Jesus em Lc 4,21, para a experiência que Igreja vive em sua liturgia da Palavra: "hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura"[2]. Por fim, será possível perceber como a Liturgia da Palavra, nas ações litúrgicas da Igreja, pode inspirar-se no modelo de liturgia vivido pelo próprio Jesus na inauguração de seu ministério: leitor da Escritura e proclamador da atualidade salvífica da mesma.

1 Jesus e Escritura

A perícope de Lc 4,16-30 está no contexto do ministério de Jesus na Galileia. Esse texto está situado logo após o Batismo de Jesus (3,11-22), onde aparecem os três elementos fortes que marcam a vida de Jesus: oração, unção do Espírito Santo e o testemunho do céu sobre sua filiação divina, marcado pelo tom messiânico do Sl 2.

Em seguida aparece a genealogia de Jesus (3,23-38) em tom ascendente até a figura de Adão, aquele que não possui pai terrestre e do qual descende a humanidade. Vários nomes aparecem para situar as diversas gerações (TUYA, 1964, p. 790), até apresentar Jesus como a nova origem e ápice da humanidade, aquele que a faz ascender para Deus, por causa de sua condição de filho de Deus (v.38).

Por isso, o texto que se segue vai tratar da tentação que Jesus enfrenta no deserto (4,1-12). Por ser o modelo do homem novo e estar "pleno do Espírito Santo" (4,1), Jesus enfrenta as armadilhas do diabo que está comprometido em separá-lo do Pai e impedi-lo de iniciar a missão messiânica (LEAL, 1973, p. 109).

[2] Todas as referências bíblicas usadas neste trabalho serão citadas segundo a tradução da Bíblia de Jerusalém, edição de 2008.

Nessa cena da tentação já aparece a profunda intimidade de Jesus com a Escritura e para enfrentar as três investidas do diabo, utiliza-se sabiamente dos textos do Deuteronômio (Dt 8,3; 6.13.16). Para Fabris (2006, p. 56), nesta cena se apresentam duas maneiras de ler a Escritura e interpretar o caminho de Deus: a relação do diabo com a Escritura, que consiste em distorcer a Palavra divina e justificar o sucesso fácil; ou a forma de leitura e relação de Jesus com a Escritura, que consiste em nutrir-se de seu sentido mais profundo e, por isso, converte-se em uma postura de fidelidade.

Essa relação de Jesus com a Palavra divina vai sendo fortemente evidenciada no Evangelho lucano: seja na relação litúrgica com a Escritura, na Sinagoga de Nazaré (4,16-20); ao proclamar a realização presente de um texto profético do passado (4,21); ao refletir sobre os mandamentos mais importantes na Lei (10,25-37); ao renovar em seus ensinamentos a inevitável necessidade do cumprimento pleno da Lei (16,17; 18,18-23); no conhecer e usar a tradição dos profetas em seu ministério (4,25-27; 19,45-46; 22,37); ou mais perfeitamente no terceiro anúncio da paixão (18,31-34) e em sua aparição ressuscitado aos discípulos no caminho de Emaús (24,27), revelando que a Escritura dirige-se para ele e encontra o seu pleno cumprimento nele.

Esse último dado monstra que Lucas usa bem a *pesher* cristã, método de interpretação da Escritura que atualiza os textos do Antigo Testamento como predições proféticas que se cumprem em Jesus e na Igreja. Para Trevijano (2009, p. 53-54), "o Antigo Testamento foi recebido no princípio como Escritura que confirmava o messianismo da pessoa e obra de Jesus". Por isso, não é estranho entender o porquê, em Lc 4,17-21, o método *pesher* de pregação foi atribuído a Jesus, quando este leu e comentou o trecho de Is 61,1-2.

Um último aspecto da relação de Jesus com a Escritura, onde a mesma é usada para confirmar sua identidade de messias e missão salvífica, mostra que quem está sempre agindo é a força do Espírito, guiando Jesus para a Galileia e o fazendo ensinar nas sinagogas (Lc 4,14-15). Essa mesma força do Espírito vai impulsiona-lo e inspira-lo na liturgia da Sinagoga de Nazaré para achar e ler o texto que resume perfeitamente o sentido de sua presença no mundo, proclamando sua alegre novidade. Assim, o Espírito que inspirou as Escrituras dá autoridade a

Jesus para interpretá-la como proclamação do que ele vai realizar em sua condição de ungido do Pai.

2 Jesus, leitor e proclamador da Escritura no "hoje" da salvação(Lc 4,16-30)

Mergulhando na reflexão da perícope de Lc 4,16-30, já se percebe que essa página do Evangelho é tão bela quanto rara, pois consiste na única vez, em todo o Novo Testamento, em que se apresenta Jesus com a Escritura em mãos, imerso em uma liturgia da Palavra, lendo e explicando um texto sagrado.

A primeira parte da perícope tem todo um ritmo litúrgico e positivo em torno da intimidade da assembleia com a Palavra de Deus que é anunciada e interpretada por Jesus (Lc 4,16-22). Estranhamente, a segunda parte mostra uma reação negativa da mesma assembleia diante da palavra e postura profética de Jesus, quando este denuncia a resistência o preconceito de alguns para com a sua pessoa, posturas dissimuladas na expressão: "não é este o filho de José?" (v.22).

O texto inicia situando Jesus na região onde fora criado e já revela algo de sua vida íntima, ao dizer que era seu costume ir à sinagoga em dia de Sábado (v.16). Como todo judeu fiel, Jesus era assíduo na participação do culto sabático, dia solene. Com a palavra synagogé, antes de situar um local da reunião cultual hebraica, se quer identificar a própria comunidade reunida, por entender-se convocada por Deus para escutar sua Palavra no dia a ele consagrado (BOSSELI, 2014, p. 58).

O v.16 mostra Jesus que se levanta "para fazer a leitura". Assim como levantou-se de junto do Pai e veio ao encontro da humanidade para lhe comunicar os desígnios divinos, agora a Palavra da vida se levanta para unir sua voz a Escritura e proclamar as maravilhas de Deus aos ouvidos dos homens.

Segundo Leal (1973, p. 112), nas funções sinagogais não havia um pregador oficial, de maneira que qualquer judeu adulto podia ler e explicar a escritura. A leitura era feita de pé, em voz alta (Dt 5,28) e em hebraico, já o comentário era feito sentado (v.20) e em aramaico, na língua popular. Geralmente o chefe da sinagoga designava quem devia ler e explicar os textos da Escritura, ambos feitos de um

lugar elevado (TUYA, 1964, p. 792).

O v.17 diz que lhe entregaram o livro do profeta Isaías. Isso não é por acaso, pois lia-se primeiro a *parashá*, trecho extraído da *Torah*, e depois a *haftará*, uma perícope profética, segundo um elenco ordinário de textos que o lecionário sinagogal previa para cada sábado (BOSSELI, 2014, p. 64). Jesus recebe da comunidade o texto que lhes deve instruir até próxima liturgia, mas anuncia aos seus ouvintes que agora se inicia o tempo da graça de Deus. O texto lido deixou de ser apenas instrução, mas salvação encarnada agindo.

Jesus abre e desenrola o rolo do profeta Isaías, num gesto litúrgico, mas aqui também se abre e desenrola seu ministério e caminho messiânico. No livro da profecia, selecionado para a liturgia sinagogal, a comunidade encontra sua identidade; já no trecho encontrado por Jesus na mesma profecia, o Espírito lhe revela a sua identidade sendo descrita.

Nos vv.18-19, Lucas cita o texto de Isaías seguindo a versão da septuaginta. O sentido literal é o de um mensageiro que anuncia a Israel uma série de benefícios. Sua consagração e a mesma dos profetas: para ser porta-voz de *YHWH* e suas maravilhas. Todo o trecho é sintetizado na parte final (v.19): "proclamar um ano da de graça do Senhor". Para Tuya (1964, p. 793), "esta expressão alude ao ano jubilar de Moisés (Lv 25,10) e se expressa com ele todos o período de bendições que se inaugura com Cristo".

Depois da leitura da profecia, abre-se a parte mais importante dessa perícope. No v.20 se diz que todos o olhavam atentos; no sentido de expectativa e ansiedade para ouvir a interpretação (HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 422), pois sua fama havia se espalhado por toda a região (v.14). O v. 21 revela o conteúdo da *pesher* de Jesus: "Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura".

O primeiro ponto focal dessa proclamação de Jesus está na palavra "hoje". Nesse contexto, o termo *sémeron* aparece no mesmo nível do "dia de *YHWH*"; proclamado pelos profetas como tempo de julgamento para os ímpios, mas de libertação e salvação para os pobres. Esse "hoje", revelado por Jesus, é uma categoria teológica e não apenas temporal. Manifesta o momento presente em que o tempo da salvação se abre e está sintetizado no Evangelho de Jesus e no

evangelho que é Jesus.

O segundo foco da fala de Jesus está em afirmar que a Escritura lida está agora cumprida "aos ouvidos" de seu auditório. O estatuto de Escritura viva se instaura em Jesus que cumpre em si a profecia que lê, revelando essa feliz notícia em tom de proclamação para a assembleia.

Por fim, o v.22 aponta outro aspecto importante, ao dizer que "admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca". A expressão "palavras cheias de graça", consiste na proclamação do "ano da graça do Senhor" (v.19), revelando que na leitura-proclamação-interpretação de Jesus se afirma que a ação da graça de Deus já entrou no tempo e na história. Nas palavras do Evangelho de Jesus, cheias de graça, inaugura-se o "hoje da Palavra divina" distribuindo dons à humanidade.

Certamente, esta perícope inspirou e continua a inspirar a Igreja em sua forma de viver a intimidade com a Escritura e de anuncia-la como "hoje salvífico". A proposta aqui está em ver Jesus como modelo de leitor e proclamador da Palavra que a Igreja precisa anunciar no presente. Como perceber isso no ambiente litúrgico eclesial?

3 O modelo de Jesus: como a Igreja lê e proclama o "hoje da Palavra divina"

É inegável que a Escritura tem grande destaque em todos os ritos sacramentais, mas encontra seu ápice na celebração eucarística, onde a comunidade reunida a lê e medita.

Sendo o Corpo de Cristo (1Cor 12,27), quando a Igreja lê, interpreta e proclama a Escritura em cada ação litúrgica, é o próprio Jesus quem renova a experiência de Nazaré, diante de outra assembleia, ao anunciar o "hoje da salvação", a realidade viva e atual da Escritura para todas as gerações e a certeza de que o "ano da graça do Senhor" continua em vigor para todo ouvido e coração que acolher a Palavra proclamada. O documento Sacrosanctum Concilium afirma isso no n.7: "é ele (Cristo) que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja" (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1995, p. 263); mas também o diz no n. 33: "na

liturgia, Deus fala aos seu povo, Cristo anuncia ainda o evangelho" (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1995, p. 273).

Na significativa reflexão de Bosseli (2014, p. 55), tomando a perícope de Lc 4,16-30, o mesmo procura ver na estrutura da liturgia da Palavra usada pela Igreja uma inspiração no modelo tipológico de Jesus leitor e proclamador da atualidade salvífica da Escritura:

> "Aquilo que acontece na liturgia sinagogal de Nazaré é a instituição da liturgia cristã da Palavra, é seu *týpos*, de igual e idêntico modo como aquilo que acontece, no andar superior de Jerusalém, durante a última ceia, é a instituição da celebração eucarística cristã. [...] Em Nazaré, a Palavra leu as Escrituras e, desde aquele dia, daquele "hoje" (Lc 4,21), a leitura feita por Jesus se tornou a maneira com a qual os cristãos leram as Escrituras. Do mesmo modo como Cristo, na sinagoga de Nazaré, leu, compreendeu e interpretou a passagem de Isaías, encontrando nela aquilo que "de mim está escrito" (Sl 40(39),8), os cristãos, em suas assembleias litúrgicas, leram, compreenderam e interpretaram as escrituras de Israel, encontrando cada vez na 'lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos' (Lc 24,44) 'as passagens que se referiam a ele' (Lc 24,27). Quem realizou por primeiro a leitura cristã das Escrituras foi o Cristo e, por isso, ele é o *caput libri* do Novo Testamento".

Essa reflexão busca ver no rito eclesial da liturgia da Palavra, o modelo de liturgia vivido por Jesus em Lc 4,16-30. Pondo em paralelo as duas liturgias da Palavra, da Igreja Cristã e de Jesus na Sinagoga de Nazaré, vista como tipológica, temos os seguintes correspondentes: quando a Igreja lê o Antigo Testamento (lei, profetas e escritos), está assumindo a postura de Jesus leitor, a Palavra que toma em suas mãos e lê a Escritura como porta-voz definitivo de YHWH; ao meditar os salmos, oração com a Palavra e na Palavra de Deus, assume-se a postura de Jesus orante e em sua profunda intimidade com a Palavra divina; na segunda leitura e, especialmente, no Evangelho a Igreja anuncia a boa notícia e missão messiânica da vida e dos ensinamentos de Jesus, mostrando que as promessas salvíficas do AT estão realizadas no hoje de sua Palavra proclamada; já ao se fazer a homilia, como atualização reflexiva da Palavra para o presente de quem a escuta, a Igreja assume a postura de Jesus como interprete perfeito da Escritura. Como o fez Jesus, a Igreja explica toda a Escritura com chave cristológica, conduzindo o "hoje temporal" da comunidade para o "hoje escatológico": "tempo da graça do Senhor".

É da perspectiva de Jesus, leitor e proclamador no hoje da Palavra divina, que a Igreja pode extrair a inspiração para sua práxis profunda da liturgia da Palavra, deixando-se mover pelo mesmo Espírito que agiu na inauguração do ministério de seu mestre e que garante o caráter vivo e atual do que está proclamando no conjunto dos textos que lê. Parmentier (2009, p. 263) faz uma boa reflexão sobre isso, ao dizer:

> "Na liturgia a memória da salvação está ligada a ação do Espírito Santo, pois só ele pode fazer que o acontecimento da salvação seja reconhecido pelos crentes, isto é, que lhes seja possível hoje redizer o que as gerações precedentes celebraram. Fundamentalmente, a liturgia culmina na proclamação do Evangelho como atualidade da Palavra da Salvação de Deus. Ela tem uma orientação querigmática, no duplo sentido do termo: como transmissão de uma mensagem que é também proclamação e realização de um acontecimento. E assim, como o Evangelho transborda do quadro da Bíblia quando se torna história vivida, a liturgia transborda da leitura: não se contenta em dizer a salvação, mas a transmite, notadamente no perdão do pecado, na eucaristia e na bênção".

Considerações finais

A centralidade da Escritura na vida e missão de Jesus e da Igreja, como fonte de identidade e força motriz para o anúncio do Reino no hoje da salvação, é um tema teológico importante em Lucas e uma verdade para a vida litúrgica da Igreja. Esse tema presente em Lc 4,16-30, mostra que a Palavra proclamada na Igreja não é relato de um anúncio de salvação apenas tornado memória, mas consiste em realidade viva, eficaz e atual.

Por isso, a perícope de Lc 4,16-30 é importante tanto para marcar o início do ministério de Jesus, como também para oferecer o modelo querigmático que a Igreja precisa assumir em suas liturgias, anunciando o "hoje da salvação" com a força do Espírito Santo e centrada na pessoa de Jesus, para que a comunidade que escuta a Palavra proclamada, possa reconhecer a inauguração do tempo da graça do Senhor no agora de sua vida.

Por fim, considerando a reflexão dessa perícope, pode-se ousar enxergar a estrutura da liturgia da Palavra da Igreja segundo o modelo da liturgia vivida por

Jesus. Considerando que a primeira leitura e o salmo expressão profundamente o sentido da liturgia da palavra sinagogal, na *parashá*, *raftará* e oração dos salmos; a segunda leitura, o evangelho e a homilia consistem em verdadeira *pesher* cristã, que enxerga e proclama cristologicamente a totalidade do sentido da Escritura lida e meditada, mostrando que ela não é mera palavra que conta histórias do passado, mas é Palavra viva e atual que encontra seu sentido no verbo encarnado e ressuscitado, no qual a Igreja toma como modelo para proclama a realização da salvação em cada liturgia.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2008.

BOSELLI, Goffredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia**. Brasília: edições CNBB, 2014.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Lucas: tradução e comentários. Em: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos. Vol II**. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Bíblica Loyola; 2).

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. **Nova chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Targumim, Hagnos, 2009.

LEAL, Juan. **La Sagrada Escritura: Nuevo Testamento I**. Madrid: la editorial católica S. A., 1973. (Evangelios – 2.º)

TREVIJANO, Ramón. **A Bíblia no Cristianismo antigo**. São Paulo: Ave-Maria, 2009. (introdução ao estudo da Bíblia; v.10).

TUYA, Manuel de. **Bíblia comentada V: evangelios.** Madrid: la editorial católica S. A., 1964.